

A Superstição Camoneana

Pauly Ellen Bothe *

Keywords

Fernando Pessoa, Luís Vaz de Camões, literary critique.

Abstract

This piece presents a literary critique by Fernando Pessoa about Luís Vaz de Camões entitled “Camões: e a Superstição Camoneana”

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Luís Vaz de Camões, Apreciação literária.

Resumo

Este texto apresenta uma apreciação literária de Fernando Pessoa sobre Luís Vaz de Camões: “Camões: e a Superstição Camoneana”

* Universidad Nacional Autónoma de México / Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Por volta de 1913, Fernando Pessoa redigiu na folha de um caderno (BNP/E3, 144D²-6)¹ uma lista de “Pamphletos e Opusculos”. Um dos textos listados, os quais versariam sobre matérias diversas, ia ser um artigo sobre Luís Vaz de Camões, intitulado “Camões: e a Superstição Camoneana”. Dos textos incluídos nessa lista, alguns foram, de facto, publicados por Pessoa, tal como aconteceu com os três artigos sobre “A Nova Poesia Portuguesa” (*A Águia*, 1912) e com os dois “Artigos para o *Theatro*”: (1) “Coisas estilísticas que aconteceram a um gomil cinzelado, que se dizia ter sido batido no ceu, em tempos da velha fabula, por um deus amoroso”, sobre Manuel de Sousa Pinto; e (2) “Naufragio de Bartolomeu”, sobre o livro respectivo de Afonso Lopes-Vieira. Estes dois artigos foram publicados em *Teatro: Revista de Crítica*, em 1913, na sua primeira série. A revista, ainda em 1913, teve uma segunda série, e o título da publicação passou a ser *Teatro: Jornal d’Arte*. Foi ali que Pessoa publicou a sua coluna “Balança de Minerva”. Outro texto referenciado na lista acima citada, “Caricatura (art[igo] sobre Almada Negreiros)”, também foi publicado em 1913, mas desta vez na revista *A Águia*.

Mas se alguns “Pamphletos e Opusculos” foram publicados em vida por Pessoa, muitos outros ficaram inéditos aquando da sua morte em 1935. Entre os inéditos figura, precisamente, o texto que hoje optamos por dar a conhecer, intitulado: “Camões: e a Superstição Camoneana”. Este e outros textos pessoais por mim editados estão reunidos em *Apreciações Literárias* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013). Agradeço o apoio de Ivo Castro e de Jerónimo Pizarro na leitura de todos os textos do futuro volume. Utilizo os símbolos adoptados na Edição Crítica das obras de Fernando Pessoa na transcrição.

§

[BNP/E3, 14B-51 e 52]

18-XII-1912

Camões, e a Superstição Camoneana.

I.

A opinião literaria indigena, activa ou passiva, escripta ou dita, critica ou acritica, é o que se chama unanime em aureolar a figura de Camões com um halo de gloria¹ cuja luz o prisma da analyse permite vê² como decomponivel em não sete, mas trez côres³ de /opinião/.⁴ – A primeira⁵ é que Luiz de Camões é um poeta conscientemente nacional, um poeta portuguezissimo, “fiel interprete” do espirito

¹ Este caderno encontra-se digitalizado e disponível on-line na Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional de Portugal: <http://purl.pt/13880>. Ver também o capítulo XI de *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009).

da nossa raça (aventureiro, cavalheiroso, etc.) e digno fixador em verso dos feitos de armas e de civilização dos nossos grandes⁶ maiores⁷ das descobertas e das conquistas. – A segunda é que Luiz de Camões é um grande⁸ poeta epico e um grande poeta lyrico, e que é, tambem e /por isso/, o nosso maior poeta até hoje; sendo mesmo difficilmente concebivel que na nossa (geralmente “depauperada”, “definhada” “decadente”) raça outro maior, ou igual⁹, ou approximado ouse pensar em surgir¹⁰ – E a terceira é, /segundo aquella voz elegiastica que não poupa os absurdos/, consequentemente¹¹, que a obra de Luiz de Camões é altamente recommendavel (a) como fonte de belleza e “nacionalidade” para estudiosos literatos e poetas¹², (b) como □ (c)¹³ como trazendo até nós, embalsamada na eternidade da arte¹⁴ a tradição de grandeza, de heroicidade, de patriotismo □ – trazendo escripta no □ da sua alma, como o Arco da Rua Augusta, *Virtutibus Maiorum ut sit omnibus monumento*.

Propomo'-nos, n'estas poucas paginas¹⁵ de /empacotado/ raciocinio, contestar, de leste a oeste, estas implicitas ou scientes posições da critica, com a excepção da nossa, a [51v] etiquetada¹⁶ (c) na classificação¹⁷ analytica que preliminarmente houvermos de deixar feita para bussola e guia do raciocinio.

Antes de pôrmos pé definitivamente no firme terreno da analyse, é bom notar¹⁸, com o pensamento na verdade, que algumas variantes põe¹⁹ a critica nacional ás 3 opiniões que de inicio constatámos como suas. Ha quem, por exemplo, sem deixar de ter Camões como poeta plenamente nacional, o considera, ainda assim, sob o ponto de vista, restricto e puro, da “nacionalidade” menos portuguez que Gil Vicente ou Bernardim Ribeiro. É uma opinião ao mesmo tempo certa e erronea, consoante infra se verá □²⁰ Ha outros que sem²¹ n'um centesimo de apice o descer[e]m²² do pedestal da grandeza, o dão, comtudo, como²³ maior poeta lyrico do que epico – o que adeante se analysará mas tem²⁴ naturalmente pouca importancia dado²⁵ que ninguem em Portugal, – como alias quasi *ninguem* –tem²⁶ a noção do que seja poesia epica. Sirva de exemplo aquelle disparate do sr. Émile Faguet, que acaba por concluir, n'um estudo sobre V[ictor] H[ugo], que este poeta era *epico*, só porque – a analyse constata – elle tem todos *os accesorios* que a poesia epica tem; e, de outra amostra, typica da mesma imprecisão do pensamento, n'um²⁷ artigo d'um Qualquér, inglez, que chamara a Verhaeren “poeta epico” só porque Verhaeren é energico e violento – pôr-de-nome²⁸ este que traria, de ser²⁹ adoptado, drásticas comparações, com Camões, do nosso actual e poeta João de Barros³⁰.

Feitas estas circum considerações, não só por lealdade para com a excepção entre a gente critica no □, mas tambem para provar que as trez posições por nós feitas tomar á opinião nacional nada soffrem com estas □, desçamos, ungidos e limpos, á arena d'esta discussão.

[52r]

II

Para vermos o quale e o quantum de nacionalidade portuguesa que a decencia logica pode conceder ao nosso grande poeta, importa³¹ retrogradar até onde se possa ter ponto axiomático, partindo, n'esse recuo logico, do termo³² *nacionalidade*. O que é um poeta nacional – eis³³ o problema primeiro. Quantos generos e modos de poetas nacionaes há? – eis o problema que se segue. Ha gráus e valores relativos n'estes generos, no que generos³⁴, e se os ha quaes são, e porque o são – eis o problema³⁵ final.

Um poeta nacional, evidentemente, é um poeta que interpreta e traduz a alma da nação a que pertence manifestando-a como tal em opposição a tal e tal outra³⁶. Mas ha alma de nação? essa alma pode-se *traduzir* para arte? e como se pode traduzir? Que haja uma alma nacional é axioma, e quasi que não axioma, da sociologia. Porque a propria idéa³⁷ de nação, a propria existencia de uma nação presuppõe uma homogeneidade, e essa h[omogeneida]de psychica³⁸ (seja ella interpretada como tendo origem na raça, no clima ou em outra qualquer causa-base)³⁹ constitue a alma nacional, base de um sentimento colectivo. Porque, mesmo que uma nação se constituísse como uma sociedade commercial, para interesse dos /constituintes/, ainda assim esse interesse comum implicaria uma base psychica, dado que uma nação⁴⁰ se não constitue por acto de vontade e contrato assignado no notario, como uma sociedade⁴¹ commercial, mas pede phenomenos de inconsciente approvação dos seus componentes-individuaes⁴². Mesmo no caso de nações manifestamente heterogeneas, ou essa heterogeneidade é de mutuo consenso das soberanias componentes, causada por exemplo por /passageiras/ ou duvidosas causas⁴³ politicas, e, n'esse caso, a creada comunidade de interesses cria uma comunidade de □, o que redundna na força artificial de uma nação, mas de uma nação, e a commum alma artificial que artificial prova por excepção, a regra; ou⁴⁴ essa nação⁴⁵ heterogena o é por dominio de uma parte □

Podemos pois partir, minimamente axiomando, d'esta /constatação/ que ha almas nacionaes. Passemos a vêr se uma alma nacional se pode interpretar na arte⁴⁶. Ora a arte, em sua origem, é ou um⁴⁷ phenomeno colectivo, ou um phenomeno individual. Se é um phenomeno colectivo, vem directamente da alma nacional, e interpreta-a portanto, valendo tão caracteristicamente como os costumes, as festas, os vestuarios. Por ser [52v] arte é individual, o individuo artistico tem um temperamento, d'onde, trahindo-o em essencia e □, a sua arte brota; ora esse temperamento deve-o o artista, primeiro á hereditariedade, segundo a influencias do meio. A hereditariedade grava na sua alma o espirito da sua raça, atraves de gerações n'um meio reforçadamente o mesmo;⁴⁸ e o meio – como, a não ser por excepção, vive no meio onde nasceu ou, em meio alheio, entre gente vinda do meio onde nasceu – intensifica, no caso, mesmo, de viver em meio diverso, ou esse meio altera⁴⁹ e modifica apenas a periphéria da sua alma, e n'esse caso alma

continua (Quando o arbusto se fossiliza fica sendo pedra, não arbusto.) sendo, essencialmente⁵⁰, nacional, ou lhe subverte completamente (rarissimo, senão impossível fenómeno)⁵¹ o temperamento todo – e n’esse caso o individuo passa a pertencer á outra nacionalidade.

Como se pode amostrar em arte a alma nacional? Visto que realmente, constataadamente, em arte se pode amostrar, é segundo o que é a arte que ella se pode amostrar. Assim, em quantos⁵² sejam os elementos n’uma obra d’arte discriminaveis, em tantos se pode amostrar a alma nacional. Ora os elementos constitutivos da obra de arte são trez – o assumpto, o modo como o assumpto é concebido, e a fórma como essa concepção é conciliada, isto é, a fórma exterior da obra de arte.⁵³ Por o assumpto entende-se o assumpto-em-si, e por assumpto-em-si entende-se o assumpto considerado artisticamente como assumpto artistico⁵⁴. O assumpto de Antony and Cleopatra⁵⁵ não é, por ex., um texto de historia romana, mas um *caso de amor*. O assumpto da *Madame Bovary* não é a vida de provincia, como o subtítulo malindica; mas o caso de uma alma padecendo da doença romantica.

§

[BNP/E3, 14B-51 e 52]

Materiais: *duas folhas de papel manuscritas a tinta preta com duas canetas diferentes. Na metade inferior da página 14B-51^o existe um exercício caligráfico a lápis roxo: a palavra Augustine repete-se oito vezes. Na metade superior figuram algumas contas. A primeira folha é um recorte de papel alongado; a segunda, uma folha de caderno vincada ao meio na vertical e na horizontal. Os suportes são diferentes, mas não há dúvidas sobre a continuidade do texto editado.*

Aparato Genético

- 1 <que o> [↑ de gloria]
- 2 permite <de> vêr
- 3 em <trez> não sete, mas trez <†> côres
- 4 opinião] *há um traço manuscrito que indica que esta palavra já tinha sido utilizada no começo do texto, motivo pelo qual Pessoa terá tido dúvidas acerca da sua reutilização, embora não exista uma variante.*
- 5 <São> A primeira
- 6 nossos <g> grandes
- 7 antepassados [↑ maiores]
- 8 um <dos> grande
- 9 <igual> [↑ ou] igual
- 10 surja [↑ ouse pensar em surgir]
- 11 <que> consequentemente
- 12 poetas e literatos] *com indicação, mediante um traço, de troca de posição.*
- 13 *A partir deste ponto é utilizada uma caneta mais grossa.*
- 14 do verso [↑ da arte]

- 15 n'estas [↑ poucas] paginas
 16 catalogada [↑ etiquetada]
 17 <n'es> na <pre> classificação
 18 <manda> é bom notar
 19 <ha> põe
 20 [↓ Ha quem, por exemplo, sem deixar de ter Camões como poeta plenamente nacional, o considera, ainda assim, sob o ponto de vista, restricto <, de> e puro, da "nacionalidade" menos portuguez que Gil Vicente ou Bernardim Ribeiro. É uma opinião ao mesmo tempo certa e erronea, consoante [← infra] se verá □] *este parágrafo foi acrescentado na metade inferior da página com indicação – mediante uma pequena cruz e um traço – do lugar de inserção no texto.*
 21 <*Queira> <h>/H\ a <quem> [↑ outros que] sem
 22 apice [↑ o] desceram Camões] *sob o acrescento o e sob a palavra Camões aparece um símbolo idêntico. A escolha modifica o verbo.*
 23 grandeza, [← o] dão <Camões> [↓ , <+> comtudo,] como
 24 que [↑ adeante se analysará mas] tem
 25 importancia [↑ <+> como aliás quasi —>] dado
 26 Portugal, e pouquissima gente critica no estrangeiro [↑ – como alias quase *ninguem* ———
 – . –] tem
 27 <no> [↑ n'um]
 28 <+> pór-de-nome
 29 traria, <+ >/de\ ser
 30 actual [↑ e poeta] João de Barros
 31 <imp> importa
 32 do <que> termo
 33 nacional <?>/- \ [↑ 2] eis
 34 qua [↑ a - no que] generos
 35 quaes [↑ são] e porque o são – [↑ 1] eis o <f> problema] *Pessoa muda a ordem dos factores a estudar. Ver nota 33.*
 36 pertence [↑ manifestando-a como tal em opposição a tal e tal outra]
 37 noção [↑ idéa]
 38 e <Porque> [↑ essa] h^{de} psychica
 39 (seja ella interpretada como tendo origem na raça, no clima ou em outra qualquér causa-base)] *acrescento na entrelinha.*
 40 uma <sociedade> nação
 41 uma <+> sociedade
 42 cellulas-individuaes [↑ componentes individuaes]
 43 /passageiras/ [↑ ou duvidosas] causas
 44 prova [↓ por excepção, a regra]; ou
 45 essa <*na> nação
 46 traduzir por [↑ interpretar na] arte
 47 ou <collectivo> um
 48 <□>/atraves de gerações n'um meio reforçadamente o mesmo\
 49 meio <apenas> altera
 50 <pessoalmente> [↑ essencialmente]
 51 (rarissimo, [↑ senão impossivel] phenomeno)
 52 Assim, <n'um assumpto d'arte> em <tanto> quantos
 53 que essa concepção /re/veste. [como essa concepção é conciliada, isto é, a fórmula exterior da obra de arte].
 54 artisticamente [↑ como assumpto artistico]
 55 do <Rei Lear, por ex., não é um rei> Antony and Cleopatra

arte é individual, o indivíduo artista tem um temperamento, o' arte,
 transmitindo-o em obra - a arte bruta; ou um temperamento
 herdado do artista, passando a hereditariedade, segundo a influência de seus.
 A hereditariedade grava-se em algum o espírito de um povo, ^{antes proprios}
 o' mais - como, a não ser por excepção, um ou mais and vozes ar, se não aliada entre
 que não se de mais ou menos - ^{intencionalmente} nos casos, como; de um se não de
 se um mais ou menos altera e modifica o processo a faculdade de um povo, e a' em caso de arte
 (Quando o artista se funda por ^{em parte} do povo, ou artista.) ^{em parte} ^{particular}
 nacional, se não admitte exploração (anarquia) o temperamento -
 a' em caso o indivíduo para a produção d' arte nacional.

Como se pode mostrar em arte a alma nacional? Isto
 que naturalmente, intuitivamente, em arte se pode mostrar, e
 segundo o que é a arte por ella se pode mostrar. Assim,
~~o assumpto d' arte em tanto~~ quanto se trata de elementos
 a alma nacional. Ora os elementos constituintes da
 arte se acham nos - o assumpto, o modo como o
 assumpto é executado, e a forma por onde se executa
 (isto é, a alma da arte). Da o assumpto entende-se o assumpto-em-si;
 e por assumpto-em-si entende-se o assumpto considerado artisticamente.
 O assumpto de ~~uma obra~~ ^{uma obra} ~~de arte~~ ^{de arte}
 * O assumpto não é, por ex., um tratado de história, mas
 um caso de amor. O assumpto da Madona da Saõ não é
 a vida de Maria, mas o mistério marianico; mas o caso
 de uma alma padecendo da Saõ, uma arte.

[BNP/E3, 14B-52v]